



deslocamentos
em saúde
na perspectiva
da arte

Claudia Penalvo
Guilherme Gomes Ferreira
orgs.

somos 
iguais, diversos e plurais

TRANS VIADOS

“ Sendo gay, quando tu sabe que é gay,

JÁ FICA O HIV EM CIMA DE TI.

Eu, por exemplo: eu nunca tinha transado
E JÁ PENSAVA EM FAZER TESTE ANTI-HIV JUSTAMENTE POR ISSO,
porque era uma coisa intrínseca ao fato de ser gay.

É UMA COISA ESTRANHA .

E ACHO QUE ISSO VEM DA SOCIEDADE ?

(B., 18 ANOS)

TRANS VIADOS

**deslocamentos
em saúde
na perspectiva
da arte**

SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade

coordenação geral

Sandro Ka

coordenação técnica

Claudia Penalvo

coordenação financeira

Juliana Kamphorst

TRANSVIADOS:

**deslocamentos em saúde
na perspectiva da arte**

organização:

Claudia Penalvo

Guilherme Gomes Ferreira

capa e projeto gráfico:

Sandro Ka

fotos:

Aline Aiko Yoshida Galvão

Guilherme Gomes Ferreira

Amanda Porterolla

Filipe Rossato (fotos still)

revisão:

Mariana González

realização:

SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122 Transviados: deslocamentos em saúde na perspectiva da arte
Claudia Penalvo e Guilherme Gomes Ferreira
(organizadores). – Porto Alegre : Somos Comunicação,
Saúde e Sexualidade, 2012.

96 p.

ISBN: 978-85-64239-02-9

1.Sexualidade. 2.Juventude. 3.AIDS : Prevenção. 4. Corpo.
5. Saúde. 6. Arte. I. Penalvo, Cláudia. II.Ferreira, Guilherme
Gomes. III. Farina, Juliane. IV. Galvão, Aline Aiko Yoshida.

Bibliotecário responsável:

Nilton Gaffrée Júnior

CRB 10/1258

SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade

Caixa Postal 21824 | Porto Alegre | RS - CEP: 90050-970

+55 51 3233 8423 | somos@somos.org.br

www.somos.org.br

TRANS VIADOS

**deslocamentos
em saúde
na perspectiva
da arte**

Claudia Penalvo
Guilherme Gomes Ferreira
orgs.

Porto Alegre
SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade
2012

SUMÁRIO

- 11** **Apresentação**
Equipe SOMOS
- 13** **Artigo | Pra não dizer que não falamos de camisinha: a importância de se trabalhar com a vida em um projeto de prevenção voltado aos jovens LGBT**
Guilherme Gomes Ferreira
Aline Aiko Yoshida Galvão
- 23** **Teatro | Relato de experiência**
Heinz Limaverde
- 33** **Sexualidade | Relato de experiência**
Jeane Félix
- 42** **Como eu fui parar no Transviados**
Amanda Porterolla
- 45** **Dança | Relato de experiência**
Nilton Gaffrée Junior
- 55** **Prevenção | Relato de experiência**
Paulo Ricardo de Alencastro
- 60** **Elegia de um arco-íris**
Luiza Monteiro
- 63** **Cinema | Relato de experiência**
Marcio Reolon e Filipe Matzembacher
- 69** **Direitos Humanos | Relato de experiência**
Rosimeri Aquino da Silva
- 78** **Ontem**
Amanda Porterolla
- 81** **Ontem (Roteiro do curta-metragem)**
Amanda Alves, Aline Texeira, Guilherme Ferreira, Leonardo Rocha, Marcelo Chardosim, Rodrigo Schames e Tom Cardoso
- 87** **Artigo | Arte, doença e perspectivismo**
Juliane Tagliari Farina

APRESENTAÇÃO

A execução de um projeto social por uma organização não-governamental como o SOMOS é um desafio. Isso porque acreditamos que a tarefa principal de uma ONG é fazer controle social, é estar nos espaços de discussão política, nos Conselhos de Direitos e, em parceria com gestores e gestoras, compartilhar saberes e decisões. E escrever projeto para “fazer” o papel do Estado? Entendemos que ao Estado não compete minar mentes e dar vozes a corações que são marcados no cotidiano. Então, habitar os paradoxos faz parte desse modo de ser e estar no mundo. É como construir um iglu no meio do deserto do Saara!

Optamos por trabalhar com jovens e, cada vez mais, isso faz sentido e tem significado para nós. Gostamos de dizer que eles e elas são o presente, muito mais do que o futuro. Os/as jovens nos mostram novas possibilidades, outros saberes e entendimentos, oxigenam nossas vidas encasteladas. Aprendemos que precisamos trazer as meninas para uma discussão importante como os cuidados em saúde para jovens gays e bissexuais, pois elas são as “amigues”, são um porto seguro para muitos. O projeto Transviados possibilitou um desenrolar de muitas tramas que foram sendo desenvolvidas ao longo dos dez anos de existência do SOMOS: a união entre arte e cuidados em saúde, a escuta, as oficinas, o fazer jovem, a reflexão, o estudo, a troca, o esperar, as portas que se abrem, o se abrir para si e para o outro.

Neste livro você vai ler um texto de Guilherme Ferreira e Aline Galvão refletindo sobre suas experiências como monitores do projeto. Também lerá as impressões dosicineiros e icineiras sobre o trabalho executado, assim como falas e textos selecionados dos/as jovens que participaram do projeto sobre os temas desenvolvidos. Temos ainda o roteiro do filme criado e produzido pelos/as jovens e, ao final, ainda fomos brindados com um texto de Juliane Farina refletindo sobre arte, doença e perspectiva. Você também se deliciará com fotos das oficinas e do *making of*.

Para que esse projeto fosse realizado, muitas mãos, mentes, olhos e ouvidos atentos foram necessários, desde a sua elaboração inicial até a execução dos produtos finais, dentre eles este livro. Gostaríamos de agradecer, assim, a Luiz Felipe Zago, que “gestou” e deu vida inicial ao projeto; a Nilton Gaffrée Junior, icineiro e bibliotecário colaborador; ao pessoal da Avante Filmes em nome do Marcio Reolon e do Filipe Matzembacher, que além de icineiros contribuíram com sua equipe para a realização do curta-metragem do projeto; a Jeane Felix, Rosimeri Aquino, Paulo de Alencastro e Heinz Limaverde, icineiros dos laboratórios e oficinas culturais; aos/as mais de 90 jovens inscritos que, em alguma medida e de alguma forma, ofereceram suas histórias de vidas e deixaram um pouco delas nas oficinas, em especial às gurias e guris que ficaram conosco para a execução do filme – Aline Texeira, Amanda Porterolla, Leonardo Rocha, Marcelo Chardosim, Rodrigo Schames e Tom Cardoso; a Juliana Kamphorst, pela atenção com a parte financeira do projeto; a Ariane Laubin, que nos apoiou na produção final do projeto; a Mariana González, pela revisão atenta e sugestões de mudança; a Sandro Ka, pela construção deste material; ao Café da Oca, pela parceria; à Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul na pessoa do Jair Andrade, pelo a deste livro, acompanhamento sempre presente; e a todos e todas que de alguma forma possibilitaram a existência de projetos sociais para o SOMOS.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALAMOS DE CAMISINHA: A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR COM A VIDA EM UM PROJETO DE PREVENÇÃO VOLTADO AOS JOVENS LGBT

Guilherme Gomes Ferreira

Assistente de coordenação do projeto.
Assistente Social e Mestrando do
Programa de Pós-Graduação da
Faculdade de Serviço Social da PUCRS.

Aline Aiko Yoshida Galvão

Monitora do projeto. Acadêmica de
Serviço Social da Faculdade de Serviço
Social da UNISINOS.

Introdução

Falar de prevenção aos jovens na contemporaneidade se apresenta como um dos principais desafios para as políticas públicas brasileiras de prevenção ao HIV/aids. Não são escassas as campanhas publicitárias, televisivas e de jornais e revistas que falam sobre os riscos de se infectar pelo HIV, sobre a necessidade de usar preservativo e sobre as consequências de se colocar vulnerável às situações sexuais de risco.

Mas como, em que medida e quais são os significados que os discursos presentes nessas campanhas produzem nos jovens que as leem? Será que elas falam sobre a realidade ou, compulsoriamente, reproduzem os ideais de relacionamentos sexuais onde poucos ou quase ninguém se encaixa? E quanto à juventude de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), como ficam as políticas públicas quando requisitadas a se debruçar sobre as juventudes no que pesa suas sexualidades?

Sexualidade(s) e juventude(s)

As sexualidades juvenis, quando relacionadas às políticas públicas de saúde brasileiras e, sobretudo às ações que envolvem a prevenção ao HIV/aids, raramente são pensadas fora do campo da irresponsabilidade e da incapacidade de gerenciamento. Se já não é por acaso que a sexualidade é uma das arenas mais largamente perscrutadas pelos discursos, análises, saberes e injunções (FOUCAULT, 1988), a sexualidade juvenil é especialmente controlada sob o discurso da inconstância dos sujeitos, que em princípio ainda não possuem capacidade de pensarem por si mesmos.

A constituição, o contexto e o processo pelo qual os jovens produzem seus corpos, gêneros e desejos, devem, portanto, ganhar privilégio em ações de governo ao pensarem a sexualidade fora do campo normalizador. Nesse sentido é que o **Projeto Transviados**, financiado pela Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul, procura intervir na realidade social de jovens LGBT de modo que a ideia de culpabilização caia por terra, pois tem como objetivo desmistificar o uso do preservativo como uma responsabilidade individual e compulsória. Propõe-se, enquanto projeto social, a contribuir com ferramentas de empoderamento que possibilitem ao jovem saber mais sobre seu corpo e sobre seus direitos, discutindo o uso dos métodos de prevenção e redução de danos como fatores de responsabilidade coletiva, ao mesmo tempo em que apresenta o preservativo como algo de valor para o cuidado com a saúde.

O enfoque educativo se revela inovador a partir da discussão sobre o tema da prevenção utilizando a arte como eixo delineador das atividades propostas neste projeto – desde o princípio, a intenção era trabalhar a prevenção através de ações de **cultura**. Em contraponto a um viés biologizante e passivo que predomina nos discursos sobre saúde, compreendeu-se que a utilização do teatro, da dança e do cinema na construção metodológica das atividades se constituiria em uma abordagem inovadora, dinâmica e eficiente. Através do contato com o próprio corpo e com outros corpos, o movimento e o trabalho corporal, identificou-se o desafio de discutir a prevenção, a

sexualidade e o cuidado com a saúde, a partir de uma construção coletiva com os jovens participantes e dentro do eixo da arte e da cultura. A utilização das informações obtidas nas oficinas e capacitações para debate e reflexão se traduz em uma atitude construtivista (AYRES, et. al., 2003), com vistas à emancipação humana e à produção de conhecimento.

Esses desafios e tensionamentos provocados pelo projeto possuem relação com a experiência de mais de dez anos do **SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade**, que atua em Porto Alegre por uma cultura de respeito às sexualidades através da educação da sociedade e da afirmação dos direitos humanos. Nessa perspectiva, não há espaço para práticas moralistas e controladoras, pois entendemos que as ações de cunho sócioeducativo, e, principalmente quando dizem respeito ao corpo e ao cuidado dele, só fazem sentido quando falam a língua dos sujeitos envolvidos.

Para que isso aconteça, o SOMOS atua em diversos projetos de prevenção ao HIV/aids entre jovens LGBT onde quem faz acontecer são eles e seus pares, pois acredita também na multiplicação dos conhecimentos. Além disso, também defende o uso da linguagem jovem para que suas produções se estabeleçam para e junto aos jovens. São ações, portanto, que procuram traduzir a vida de um jovem que não pode ser comparado e tampouco reduzido a padrões de estética, de comportamento, de sexualidade e de classe que muitas vezes permeiam os cenários das campanhas publicitárias de prevenção atualmente em voga.

Políticas públicas de prevenção ao HIV/aids entre jovens LGBT

É claro, na sociedade atual, que os padrões morais e valorativos das pessoas variam com relação a uma série de determinantes, dentre eles, os de cunho socioeconômico, cultural e político. A idade também tem influência sobre a maneira como os sujeitos seguirão determinadas normas, e a própria norma de convivência é

colocada em questão pelo público jovem de um modo geral, que atribui menor valor a certos jogos sociais. A sexualidade, para esse público, também costuma acontecer e se manifestar de forma mais fluída e natural; esse tocante, quando aliado ao de classe social, pode passar a ser o objeto de repressão das políticas públicas sociais ao serem chamadas a lidar e a intervir com essa população, de modo a coibir as práticas e as expressões afetivas e corpórea-sexuais dos jovens LGBT, sejam estas de saúde, de segurança pública, de direitos humanos, de educação, etc.

É assim, por exemplo, que não nos faltam casos de jovens gays que foram impedidos de pegar o preservativo na unidade de saúde, ou de travestis que deixaram de acessar as classes escolares em detrimento do *bullying* que sofriam dos colegas e professores, ou de jovens LGBT que sofreram agressão moral, física e psicológica por parte de policiais e delegados de polícia, dentre tantos outros casos que recheiam os meios de comunicação e nosso conhecimento cotidiano. São histórias como essas que imprimem o caráter de responsabilidade coletiva ao falar sobre vulnerabilidade ao HIV, pois representam políticas públicas sociais que reprimem a diversidade sexual e de gênero e corroboram para a heteronormatividade, para o machismo, para o preconceito e a discriminação e para a produção de vulnerabilidades juvenis ao HIV.

Enquanto as políticas públicas - especialmente as de saúde - não deixarem de normalizar e normatizar corpos, desejos e expressões de sexualidade, falando sempre a partir de um sujeito fictício, burguês, livre para escolher o que bem entender, continuará fabricando verdades a respeito de não-sujeitos das políticas públicas. Não queremos dizer com isso que, assim como as demais políticas públicas, as de prevenção ao HIV/aids deveriam atuar pela “equalização homogeneizadora dos indivíduos”, mas deveria sim entender a igualdade social “como a única condição capaz de propiciar a todos e a cada um dos indivíduos sociais os supostos para o seu livre desenvolvimento” (NETTO, 2007, p. 138).

É dessa forma que se assevera a potência e a importância da busca pelas igualdades que permitam a todos os seres humanos os mesmos acessos e direitos, na

perspectiva de que há determinantes no seio da singularidade e da particularidade de cada ser social que requisitam o conceito da equidade, mas, concomitantemente, reconhecem as diferenças, já que esses mesmos sujeitos se afirmam e se tornam visíveis por meio de suas especificidades.

Por que optamos por trabalhar com a vida: algumas conclusões desse processo

Sendo esse artigo uma apresentação do que consideramos como experiência vivida enquanto participantes do Projeto Transviados – portanto, processo de um devir que expressa sempre o estado da arte, mas nunca a pintura por inteiro –, é necessário dizer que tais considerações até então formuladas são tendências da observação da equipe sobre a eficácia e eficiência do projeto, mas não apenas uma observação de longe, de quem coleta dados friamente e analisa-os no campo da cientificidade. Pelo contrário, a nossa participação no projeto foi marcada por muitas vidas.

No campo da prevenção ao HIV/aids, é comum termos em mente discursos que falem sobre os aspectos negativos da doença, de como devemos nos proteger de um mal abstrato, no qual, por meio do sentimento do medo, pretendemos também proteger os outros. Esquecemos, todavia, de falar do teso do momento, do esquecimento do preservativo, da sensação gostosa que algumas pessoas podem ter ao preterirem o preservativo; deixamos de falar do que leva as pessoas a não usarem o preservativo durante o sexo. Tornamos, portanto, o tema distante dos sujeitos, principalmente quando falamos de morte ao discursar sobre HIV, o que, para os jovens que estão vivendo e procurando por vida, pode fazer ainda menos sentido.

É preciso lembrar que os discursos que falam sobre a prevenção devem falar de vida, porque os jovens estão cheios dessa vida quando usam ou deixam de usar preservativo. A morte, ao contrário, é algo longínquo, afastado dos seus cotidianos, e

fazer a relação entre algo que só proporciona prazer – o sexo – com algo como a doença ou a morte pode ser difícil e quase impossível.

Portanto, a primeira questão que ficou para nós, enquanto agentes do projeto, foi a preocupação em fazer relação com as vidas vividas e não com aquelas que muitas vezes encontramos na televisão – o jovem moderno, atraente, que tem carro e estuda na universidade e que, além de sempre usar preservativo, quando há a oportunidade solta um discurso sobre sexo seguro. Esse jovem, embora seja construído para ser um “bom exemplo de comportamento a ser seguido”, é descolado das relações sociais que acontecem no cotidiano e que são permeadas por contradições, riscos, dúvidas, anseios, urgências, inseguranças e autoafirmações.

Além disso, outro achado nosso, que já vem de muito tempo de trabalho com prevenção em outros projetos voltados para os jovens, diz respeito ao sujeito não viver sua vida e suas escolhas isoladamente. Isso quer dizer que, embora haja uma ideia social de que a responsabilidade do cuidado com o corpo é da própria pessoa e do seu subjetivo, não podemos esquecer os contextos que cercam os sujeitos em suas relações e que os subjetivam para o uso do preservativo, seja quando dizem que seus corpos não têm valor, seja quando monitoram esses corpos para um modo de vida abstrato. Isso acontece, já sabemos, por meio da família, da religião, da escola, do sistema de justiça e de segurança pública, dos meios de comunicação, do trabalho, da arte e da língua, como diz Chauí (1980) ao determinar que essas instituições ideológicas são capazes de fixar, por meio de representações do real, os modos de sociabilidade das pessoas.

Outra questão que ficou em aberto e que possivelmente será pensada para os próximos trabalhos do SOMOS se relaciona sobre a redefinição de público-alvo. Está claro que o foco de projetos como esse para gays diz respeito aos altos índices de aids entre homossexuais jovens, que só vem aumentando. Dados do Boletim Epidemiológico Aids e DST do Ministério da Saúde¹ revelam que a prevalência de infecção pelo HIV na população de jovens gays apresenta tendência de aumento no Brasil. De acordo com o documento, considerando os casos de aids notificados entre homens na faixa etária de

¹Os dados desse boletim apresentam os casos de aids no Brasil entre jovens de 15 a 24 anos de idade.

15 a 24 anos, houve um aumento de 45,9% na proporção de casos entre aqueles que praticam sexo com outros homens, chegando a 46,4% em 2010 (BRASIL, 2011).

Todavia, não basta trabalhar apenas com os jovens gays quando se considera que a prevenção ao HIV/aids se materializa muito mais no plano da cultura e da multiplicação do conhecimento do que no plano sanitário. Se nos colocamos a favor de práticas de educação em saúde, na qual todas as pessoas interessadas têm direito de participar, é dever incluir as meninas lésbicas, bissexuais e heterossexuais nos espaços de discussão de prevenção, pois o que mostra a experiência com esses projetos é que muitas vezes elas são as responsáveis pela presença dos meninos gays e bissexuais, que não participariam se não estivessem acompanhados de suas amigas.

É por isso que a participação das meninas é imprescindível, e é nesse sentido que o próximo ponto a ser pensado para os trabalhos futuros do SOMOS contemplará a inclusão oficial de meninas em projetos de prevenção ao HIV/aids, mesmo para um projeto de redução dos índices de infecção do HIV/aids entre meninos. Elas não só somam para a reflexão e aprofundamento da produção de conhecimento sobre prevenção, como também são agentes multiplicadoras dessas informações e agentes motivacionais para a adesão de meninos gays e bissexuais no programa.

A terceira conclusão que pode ser estabelecida é que um projeto voltado para jovens e, sobretudo, um projeto de prevenção à aids, pode e deve ser feito **junto** com os jovens **e para** os jovens, assumindo um formato horizontal, participativo e inclusivo, atendendo às necessidades subjetivas dessa população como o trato da linguagem correta e comunicação não-discriminatória. Nesse aspecto, a opção pelo viés cultural atende a essas requisições e é uma alternativa reconhecida pela equipe do projeto, como ideal para a manutenção de vínculos, adesão, participação e multiplicação de conhecimento.

Além da atenção para com a abordagem interdisciplinar, necessária para inovar o enfoque na saúde, as experiências vivenciadas nas atividades do projeto tornaram possível constatar que os jovens LGBT que participaram do projeto possuem um maior

amadurecimento no tocante à temática que envolve a prevenção do HIV/aids, a sexualidade e o cuidado com a saúde. As suas histórias de vida, bem como as suas reflexões e questionamentos em torno de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, os tornaram mais esclarecidos e autônomos, libertando-os de determinados tabus em relação à própria sexualidade e ao autoconhecimento, escapando da abordagem heteronormativa, moralista e procriativa.

É importante destacar que este projeto possui em seu âmago o caráter de protagonismo, abarcando em todas as temáticas discutidas sobre prevenção o conceito emancipatório de direitos humanos (PAIVA, 2009). Nesses aspectos, o direito à vida, à igualdade e à dignidade foram explicitamente debatidos, e, principalmente, o direito à informação indissociável ao poder de decisão sobre seus corpos, suas saúdes e para o exercício pleno da cidadania, contribuindo para que os jovens tenham poder de decidirem sobre suas vidas.

Porque pessoas reais às vezes não usam preservativo, seja em decorrência de um esquecimento, da autoafirmação, da sensação gostosa de não usar, do uso de drogas, etc. Mas no meio disso, são pessoas que também tem o direito de decidir, e que precisam ter os instrumentos necessários para cuidar de seus corpos e para questionar até mesmo o não uso do preservativo. Em vez de dizer que o melhor é viver com a camisinha – sem saber, para cada um, o que lhe faz sentido – é preciso problematizar essa questão.

Referências

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita et. al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, Dina (Org.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendência*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.

BRASIL. *Boletim epidemiológico - AIDS e DST, Ano VII, n. 1*. Brasília: Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. 47 p. (Coleção Primeiros Passos).

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 176 p.

NETTO, José Paulo. *Desigualdade, pobreza e Serviço Social*. Revista Em Paula, Rio de Janeiro, n. 19, 2007, p. 135-170.

PAIVA, Vera. Prevenção posithiva? A abordagem psicossocial, emancipação e vulnerabilidade. In: RAXACH, Juan Carlos et al. (Org.). *Prevenção posithiva : estado da arte*. Rio de Janeiro: ABIA, 2009.



“Tinha muito a coisa de se familiarizar com outras pessoas, tanto que tu via que no começo todo mundo ficava cada um no seu cantinho, cada um no seu grupinho, e chegava o final

DAS OFICINAS DE TEATRO E NAS DE DANÇA,

o pessoal já estava tipo: “deixa eu te alongar aqui!”.

Aí era uma pessoa segurando a perna da outra e

OUTROS DOIS SEGURANDO O TRONCO, SABE [...]”

(L., 22 anos)

**TE
AT
RO**



O grupo que se reuniu para participar dos encontros nos quais, através de jogos e experiências teatrais, abordariam assuntos tão presentes em suas vidas como o HIV/aids, o uso de drogas, sexo seguro e comportamento jovem em relação a esses assuntos, de fato me surpreendeu. Talvez porque nós, monitores desses grupos, façamos parte de outra geração, que tenha tido pouco espaço para discutir e pensar sobre assuntos tão presentes não só na nossa, como nas gerações anteriores também. Confesso que me surpreendi com a forma aberta como os participantes receberam as informações e relataram aos outros participantes suas experiências e suas inquietações sobre os temas abordados.

Encontrei algumas dificuldades em abordar tais assuntos através dos jogos que tenho em meu repertório como oficina de teatro. Apelei, então, para minha experiência em grupos e oficinas e parti para a improvisação e para a criação de novos jogos a partir da matéria-prima mais importante para mim, o próprio grupo. Através dos relatos e do comportamento na execução dos primeiros exercícios em grupo, tive inspiração para criar novas atividades e introduzir os assuntos que eram temas dos nossos encontros.

Desde o primeiro momento da oficina, era visível um grupo disponível, inteligente, capaz de abordar os mais diversos assuntos sem perder o foco e nem o bom humor. É gratificante e inspirador realizar um trabalho onde se pode sentir desde o primeiro momento o interesse e a interatividade do grupo participante. Talvez o único ponto negativo no

grupo tenha sido a falta de assiduidade e pontualidade de alguns integrantes (isso prejudicou a realização de alguns exercícios e abordagem de alguns temas que exigiam continuidade).

Baseando-me em outras atividades e experiências que realizei ao longo de minha carreira como ator e oficineiro em jogos teatrais, essa foi sem dúvida uma das mais válidas. Mesmo conhecendo a força que tem o teatro para abordar os temas mais diferenciados em meio aos mais diferentes grupos de pessoas, confesso que o resultado desta atividade foi realmente gratificante e proveitosa. A importância deste projeto para esse e outros grupos de jovens é de extrema necessidade, sempre. Ver esse grupo dialogando, criando cenas, discutindo esses assuntos tão presentes em suas vidas, mas tão desvalorizados em meio a tantos outros assuntos banais do dia-a-dia, me chamou muita atenção. Assistindo aos resultados das cenas improvisadas, vemos que a troca de experiências e relatos entre os participantes pode ser uma forte arma na intervenção em relação ao uso de drogas/álcool, HIV/aids e prática sexuais.

Essas oficinas devem ser sementes de outras atividades que possam trazer à tona as mais diversas experiências, assuntos e necessidades que esses jovens possam discutir e levar para suas vidas. Dentro da oficina de teatro realizada, vi a necessidade de trabalho mais profundo em relação ao convívio em grupo. Um grupo que possa realizar um projeto, convivendo por um período maior, discutindo, decidindo e mostrando a outros grupos de jovens o resultado final.



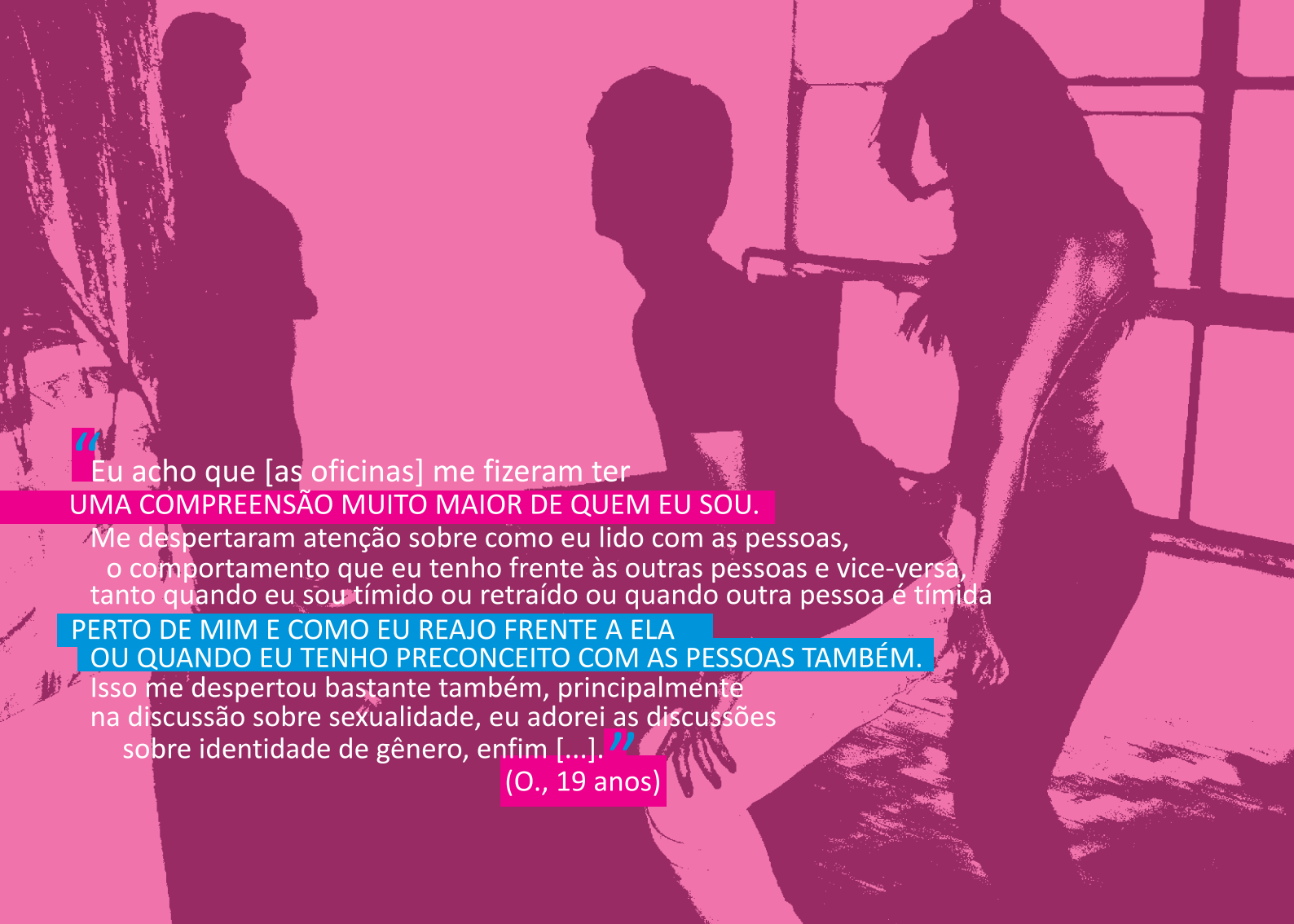








“ Às vezes me irrita muito também quando em relacionamentos homossexuais as pessoas se prendem a padrões de **GÊNERO DE MASCULINO E FEMININO**, sabe, tipo “a menina machinha de camiseta de flanela e a menina feminina de vestidinho florido e maquiagem”, ou “o menino ativo e o menino passivo”, ou ainda uma coisa que a gente ouve muito perguntarem, **“QUEM É A MULHER E QUEM É O HOMEM DA RELAÇÃO”**. Alô? **Pra começar, mesmo num relacionamento heterossexual isso não faz sentido.** Quando eu namorei um menino, que por sinal também era bissexual, muitas vezes eu tive que ouvir: **“A L. é o homem da relação”**. Vem cá, o que tu sabe sobre a minha relação, **QUANDO A GENTE ESTÁ SE BEIJANDO, QUANDO A GENTE ESTÁ SE PEGANDO**, quando a gente está assistindo um filme de mãos dadas, não interessa quem é o homem e quem é a mulher na relação! Essas são pra mim questões bem importantes e que talvez não sejam tão trabalhadas quanto deveriam dentro da comunidade LGBT e fora dela. ” (L., 22 anos)



“
Eu acho que [as oficinas] me fizeram ter
UMA CÔMPREENSÃO MUITO MAIOR DE QUEM EU SOU.

Me despertaram atenção sobre como eu lido com as pessoas,
o comportamento que eu tenho frente às outras pessoas e vice-versa,
tanto quando eu sou tímido ou retraído ou quando outra pessoa é tímida

**PERTO DE MIM E COMO EU REAJO FRENTE A ELA
OU QUANDO EU TENHO PRECONCEITO COM AS PESSOAS TAMBÉM.**

Isso me despertou bastante também, principalmente
na discussão sobre sexualidade, eu adorei as discussões
sobre identidade de gênero, enfim [...].”

(O., 19 anos)

SEX UALI DA DE



Foi com muita alegria e empolgação que participei de duas oficinas sobre juventudes e sexualidades no **Projeto Transviados**. Estava, naquele momento, analisando o material empírico de minha tese de doutorado sobre jovens soropositivos/as, e estar com outros/as jovens que não aqueles/as que entrevistei para a tese me ajudou a pensar em alguns aspectos de minhas análises.

Poderia dizer que o grupo que participou das oficinas foi, ao mesmo tempo, fixo e flutuante. Explico! Alguns/algumas participantes estiveram presentes em ambos os encontros, enquanto outros/as participaram de apenas uma oficina. Os/as jovens que participaram das oficinas, em ambas ou em apenas uma, foram bastante atuantes em relação às atividades propostas, bem como às discussões realizadas. O fato de muitos/as jovens já se conhecerem de outros encontros e atividades contribuiu para a afinidade entre eles e elas, o que refletiu diretamente no desenvolvimento dos encontros.

Nas oficinas, refletimos sobre os conceitos de juventudes e de sexualidades; pensamos coletivamente sobre juventudes, sexualidades e suas relações com as doenças sexualmente transmissíveis e o HIV/aids, considerando tanto os aspectos relacionados à prevenção quanto aqueles relativos à vida com HIV/aids. Em todas as atividades desenvolvidas, utilizamos como pressupostos metodológicos as estratégias participativas e reflexões/discussões coletivas e trabalhos em grupo. Os/as jovens não mostraram nenhum tipo de resistência às atividades e à metodologia proposta, ao contrário, as avaliaram de modo positivo ao final de cada encontro.

A primeira atividade, que tinha por objetivo promover a integração entre os/as participantes, foi desenvolvida da seguinte maneira: cada participante escolheu uma personagem (de filme, desenho animado, novela ou programa de televisão) com a qual se identificava e, num segundo momento, apresentou a personagem escolhida identificando suas semelhanças com ela. As personagens escolhidas pelos/as jovens, bem como as características com as quais se identificaram, são descritas a seguir¹:

¹ É importante dizer que alguns/as jovens, por terem chegado após o início da atividade, não participaram da etapa de escolha das personagens.

- Scooby-doo (personagem do desenho de mesmo nome): atrapalhado;
- Odie (do desenho Garfield e Seus Amigos): enganável, bobo, ingênuo;
- Magali (das histórias em quadrinhos Turma da Mônica): comilona;
- Snoopy (das histórias em quadrinhos Peanuts): fica em cima da casinha pensando;
- Flicts (personagem do livro infantil de mesmo nome, de Ziraldo): cor que não existe, não sabe muito bem o seu lugar;
- Nazaré Tedesco (da novela Senhora do Destino): muito má;
- Sheila (do desenho Caverna do Dragão): bota a touca e some;
- Sarah Connor (do filme O Exterminador do Futuro): emancipação feminina e fragilidade juntas;
- Violet (do filme Ide animação Os Incríveis): não aparenta que tem sentimentos, mas é bastante sentimental;
- Paola Bracho (da novela A Usurpadora): poderosa, rica, maravilhosa, má;
- Woodstock (das histórias em quadrinhos Peanuts): engraçadinho e fofinho;
- Tom (do desenho Tom & Jerry): meio mal, mas no fundo é vítima e injustiçado;
- Penélope Charmosa (do desenho Corrida Maluca): sempre arrumadinha;
- Mafalda (das histórias em quadrinhos de mesmo nome, criadas pelo cartunista Quino): espontânea;

Com a lista de personagens e suas marcas/atributos, pudemos montar um mosaico com as características individuais e do grupo - o que causou reações interessantes em alguns/algumas participantes, que pareciam discordar das características atribuídas por alguns/algumas colegas a si próprios. Outra curiosidade na feitura dessa atividade é que alguns/algumas jovens indicaram nunca terem parado para pensar em si daquela maneira, a partir do elenco de suas principais características.

Na sequência, desenvolvemos uma atividade chamada “Jogo das perguntas”. Tal tarefa consistia na elaboração de uma “pergunta que viesse à cabeça” quando pensavam no tema “sexualidades”, o que produziu uma

lista de perguntas que serviram para “trazer para a roda” a curiosidade dos/as jovens acerca do tema e, também, direcionar os rumos que as reflexões teriam. Dessa maneira, as questões levantadas foram:

- O que é sexualidade?
- O que é ser homem e ser mulher?
- Qual o limite da sexualidade?
- O que falta descobrir?
- Qual a importância da sexualidade na nossa vida?
- Por que se preocupar com essa questão?
- Por que a nossa sexualidade interfere nas nossas relações sociais?
- Qual a importância da sexualidade para a saúde?
- Por que definir sexualidade?
- Por que não se fala muito sobre prevenção entre meninas?
- A sexualidade é algo individual ou coletivo?
- Qual o valor da sexualidade diante da sociedade?
- O que é ter um pênis ou uma vagina para a sociedade?
- O conceito de sexualidade é o mesmo no mundo todo?
- Por que sexualidade é um tabu?
- Por que é difícil falar sobre sexualidade?
- Por que não se vê a criança como um ser sexual?

Assim, as discussões que provoquei junto ao grupo após a realização do “Jogo das perguntas” tinham o intuito de, em alguma medida, problematizar e refletir as questões trazidas pelo grupo, assim como as multiplicidades de possibilidades para suas respostas. As questões elencadas pelos/as jovens foram utilizadas como mobilizadoras de outras questões e de discussões nos dois encontros.

A atividade que desenvolvemos em seguida foi realizada em trios. Distribuí cópias da poesia *O que se passa na cama*, de Carlos Drummond de Andrade, e pedi para que os subgrupos lessem e conversassem sobre ela e que, num segundo momento, desenvolvessem uma estratégia para apresentar de modo criativo sua interpretação da poesia à turma. As apresentações foram feitas de modos diferentes e muito interessantes, entre as quais se destacam a dança; a leitura em direções distintas (começando do início, do meio e do final) ao mesmo tempo; e desenho. Após as apresentações, fizemos uma roda de conversa sobre o tema das sexualidades, tratando de algumas das questões trazidas pelo grupo na atividade anterior.

Ao final desse encontro, fizemos uma rodada com as impressões do grupo e propostas para o encontro posterior. O grupo avaliou positivamente as atividades realizadas e indicou a importância/necessidade de outros encontros para abordar o tema, pela importância que essas reflexões têm/podem ter nas suas vidas e vivências.

Saí do primeiro encontro contente por ter cumprido minha tarefa de modo satisfatório e pensativa em relação à centralidade que o tema parecia ter na vida daqueles/as jovens, ao mesmo tempo em que sentiam ausência de momentos para pensá-lo, problematizá-lo, questioná-lo coletivamente. A ausência de espaços para conversar sobre sexualidade também foi indicada pelos/as jovens informantes da minha pesquisa de doutorado e, ao longo de mais de uma década trabalhando com juventudes e sexualidades, tenho ouvido recorrentemente de jovens de lugares distintos, com vivências, expectativas e projetos de vida distintos, a mesma requisição. Saí dali incomodada com isso e querendo entender porque, mesmo com todo o investimento no âmbito das políticas públicas de educação e de saúde², esse tema continua sendo referido pelos/as jovens como ausente das suas reflexões coletivas. Questão que, do meu ponto de vista – embora já venha sendo discutida há alguns anos por profissionais de diversas áreas e instituições governais e não governamentais, inclusive pelo próprio SOMOS – ainda carece de análises e problematizações.

²Refiro-me aqui, particularmente, ao Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), uma iniciativa conjunta dos Ministérios da Educação e da Saúde em parceria com agências da Organização das Nações Unidas (ONU), desenvolvido desde 2003 no nosso país, com ações em todas as unidades da federação.

Ao final do primeiro encontro, pedi para que cada jovem trouxesse, na próxima oficina, um artefato cultural (vídeo, música, poesia, história em quadrinhos, desenho animado, etc.) que abordasse o tema das sexualidades.

Nosso segundo encontro iniciou com a apresentação dos materiais selecionados e trazidos pelos/as jovens. Me parece importante destacar que alguns/algumas jovens que não estiveram na primeira oficina também fizeram a tarefa proposta, indicando, assim, que eles e elas mantiveram algum contato e, de certo maneira, conversaram sobre as oficinas.

Entre os materiais trazidos pelos/as participantes estavam poesias, músicas, imagens, livros, lembranças. Cada um/a, ao apresentar o material selecionado, indicava as razões que o/a fizeram escolhê-lo e algumas coisas que lhes passaram pela cabeça antes, durante e depois dessa escolha. Os materiais trazidos pelos/as jovens foram muito ricos e potentes para nos ajudar a pensar no tema sobre o qual vínhamos conversando e, ainda, para ensaiar algumas respostas para as perguntas feitas durante o encontro anterior. Cabe destacar que a maioria dos materiais apresentados estava relacionada aos prazeres que podem ser vivenciados por meio da sexualidade e que outras perspectivas, tais como a associação da sexualidade à saúde, não foram predominantes. Todavia, como um dos objetivos das oficinas era refletir sobre as relações entre sexualidade e DST/HIV/aids, fui problematizando e instigando para que as reflexões também apontassem nessa direção.

A próxima atividade tinha o intuito de pensar acerca dos prazeres. Assim, pedi para que os/as jovens falassem sobre situações, objetos, etc. que lhes dão prazer. Em seguida, pensamos coletivamente sobre quais dos prazeres listados são permitidos socialmente e quais são vigiados, controlados, discriminados. Nessa discussão, fomos refletindo sobre os processos de subjetivação e as instâncias que nos educam em relação às expressões e vivências das sexualidades. O grupo participou bastante desse momento, trazendo vivências, lembranças, experiências suas e de pessoas próximas como exemplos e motes de discussão.

Outra vez divididos/as em subgrupos, os/as jovens foram convidados/as a iniciar o esboço de um roteiro (peça, dança, filme) que abordasse os temas das juventudes e das sexualidades a partir das discussões realizadas nas duas oficinas. Após um tempo, os grupos apresentaram o resultado do seu trabalho, refletindo acerca de quais as concepções de sexualidades e juventudes foram pensadas e que enfoques foram dados.

Antes de finalizar, exibimos o vídeo *Vidas Posithivas – Jovens que vivem com HIV/aids*, produzido pelo Ministério da Saúde, para pensarmos em algumas questões relativas à prevenção e a vida com HIV/aids nas juventudes, bem como em práticas sexuais de risco. Essa atividade foi realizada para que pudéssemos perceber que é possível viver com HIV/aids e que nossas práticas sexuais podem ser responsáveis pela nossa exposição ao HIV/aids, em maior ou menor proporção. As reflexões que os/as jovens trouxeram sobre o vídeo foram muito interessantes, sobretudo porque, como disse, estava vivendo um momento de organização e análise do material empírico produzido para a tese.

Alguns/as jovens criticaram a “mensagem” do vídeo de que “é possível viver bem mesmo estando infectado/a por HIV”. Para estes/as jovens, os materiais educativos produzidos pelo Ministério da Saúde deveriam ter outro tom, apresentando as dificuldades de se viver com HIV, algo similar ao que alguns autores e autoras chamariam de “pedagogia do terror”. Problematicizei a postura desses/as jovens indicando quais os objetivos do vídeo e indicando que, mesmo diante das diversas dificuldades associadas às vivências com HIV na juventude, sim, é possível “viver bem” e com qualidade.

Ao final, em roda, os/as jovens foram convidados/as, mais uma vez, a falar sobre suas impressões e sensações sobre e durante as oficinas, dando pistas sobre o que foi potente, o que poderia ter sido melhor e indicando sugestões para outros encontros. Saí do SOMOS aquela tarde, novamente, com sensações paradoxais: por um lado, estava muito feliz por ter podido aprender e compartilhar experiências, repensar questões com as quais precisava lidar devido à tese; por outro saí ainda com a sensação de que é preciso criar outros espaços/momentos para discutir essas questões com os/as jovens. De toda forma, saí das oficinas com um gostinho de “quero mais”; com um desejo enorme de continuar a participar de outros momentos como aqueles, tão ricos, tão prazerosos.



“Mas é o que acontece, é o que o corpo quer,
é o que a cabeça quer, o que o coração quer.

E na verdade pra mim é um pouco difícil me definir muito fortemente
COMO GAY OU COMO HÉTERO OU QUALQUER OUTRA COISA
porque as pessoas partem do pressuposto de que gêneros também são caixinhas rígidas,
o que não é bem verdade porque uma pessoa que se sente atraída por um homem,
bem, existem homens e homens,

existem homens que te atraem e existem homens que não te atraem.

É meio clichê e às vezes meio ingênuo dizer:,,

“eu não vejo gênero, eu só vejo as pessoas”,

mas no fundo existem algumas características nas pessoas que transcendem os gêneros

OU QUE SE INCORPORAM NO GÊNERO DE MANEIRAS DIFERENTES,

por exemplo, meninos que expressam sua feminilidade usando maquiagem e salto-alto

e meninas que expressam a sua usando camiseta e jeans solto.

Existem mil maneiras de expressar e nenhuma é mais ou menos feminina ou masculina,
se tu é menina e usa as mesmas roupas que o teu namorado,

isso só mostra que tu é diferente dele, o que é muito legal.

Então essas questões de gênero me parecem meio conflitivas às vezes.

Não tem nada de errado tu escolher uma tipificação,

mesmo a bissexualidade é uma tipificação que tu escolhe

pra te explicar melhor pras pessoas, porque é uma questão de conforto”

(L., 22 anos)

COMO EU FUI PARAR NO TRANSVIADOS

Por Amanda Porterolla | Participante do Projeto

Eu estava no laboratório de informática do IPA quando, por algum motivo, fui parar no blog do SOMOS. O texto falava de uma oficina de cinema. Fiquei interessada por dois motivos: eu precisava de cursos extras para usar nas horas complementares exigidas para me formar em Jornalismo. E o segundo motivo, talvez o maior deles: eu precisava conhecer novos amigos. Amigos gays, porque quase não convivía com gays e lésbicas. Também por uma necessidade de estar entre pessoas como eu, que talvez tivessem as mesmas dúvidas.

Como recém começava a conhecer Porto Alegre – até então, meu itinerário era Esteio-IPA, IPA-Esteio – fui ao Google para descobrir onde ficava a tal Rua Jacinto Gomes. Era perto da Redenção, não tinha erro. Cheguei lá e a primeira pessoa que vi foi a Cláudia Penalvo. Subi até a sala, onde o William Mayer – professor da oficina – plugava os cabos do projetor. Outros guris e gurias foram chegando. William conversou conosco, passou uma série de curtas e nos dividiu em grupos para criar nosso próprio filme. Fiquei no grupo com o Diego Leismann, o William Santos, a Lidiane Leite e a Lisiane de Assis.

A Lisi era minha colega no IPA e foi participar também para ter horas complementares. E era uma situação nova para ela: a Lisi é hétero e me confessou que tinha medo de contar. Foi o primeiro “armário ao contrário” que presenciei. Tempos depois, ela “se assumiu” para o grupo, que obviamente levou numa boa.

Desde 2009, participo todos os anos das oficinas. E digo com toda a sinceridade que sou realmente apaixonada pelo trabalho realizado pelo SOMOS. Além de levar cultura e conhecimento aos jovens LGBT, a ONG trabalha um ponto muito importante entre gays e lésbicas que é a autoestima. Criar algo em conjunto e debater sobre sexualidade – pois o foco das oficinas é trabalhar a prevenção ao HIV de uma forma descontraída – é também uma forma de fazer com que esses jovens se valorizem, acreditem no seu potencial.

As oficinas foram as minhas primeiras experiências de convívio com gays e lésbicas da minha idade, onde pude conversar abertamente sobre sexualidade com pessoas que eram iguais a mim, que passaram pelos mesmos

problemas para se assumir, enfrentar o mundo lá fora, e que estavam lutando à sua maneira para vencer o preconceito, se firmar como seres humanos merecedores de respeito e dignidade. Ter um espaço desse tipo, que promove o diálogo em torno de assuntos como sexualidade e prevenção ao HIV, dando espaço para que a gurizada fale sem medo, é um legado e tanto para a cidade de Porto Alegre. Precisamos de espaços como esse. Eu precisava. Foi assim que fiz novos amigos, tive com quem conversar, aprendi sobre cinema, dança, teatro, fotografia. Conheci um universo que até então nunca tinha entrado, pois na minha cidade não havia um espaço como esse, que me permitisse ser quem eu era. Através das conversas, dos filmes, consegui formar novos argumentos e reforçar os que eu já utilizava para defender minha sexualidade e o direito de exercê-la.

Em resumo, posso dizer que o trabalho realizado por essas pessoas – diretoria, professores, monitores e colegas – foram decisivos na minha vida. Eu me tornei muito mais compreensiva com a diversidade, com os seres humanos, com os diferentes estilos. E as oficinas

serviram para meu crescimento pessoal – a desinibição através das aulas de teatro, o reconhecimento do corpo através da dança, o desenvolvimento da sensibilidade através do cinema e da fotografia, e o reforço das bases sobre os tais “direitos humanos” que muitos criticam sem conhecer.

Conhecimentos como esses eu creio que vão muito além da sexualidade. Independente se você é gay ou hétero. Entretanto, espaços como esse, para reunir jovens gays – que muitas vezes não encontram apoio na família e na escola – são fundamentais para trabalhar a autoestima e a valorização desse público. Eu posso dizer que, através da participação no Projeto Transviados, fiz novos amigos, aprendi coisas novas e mudei minha forma de pensar. Acredito que eu tenha me tornado uma pessoa melhor. E defendo que o mundo precisa de iniciativas como essa. Ao menos, o meu mundo sempre vai precisar.



“ Eu acho que a oficina facilitou alguns processos no sentido de eu poder conviver bastante com um pessoal muito aberto. ”

EU ME ASSUMI BISSEXUAL DURANTE AS OFICINAS E FOI FUNDAMENTAL

porque não é que eu já não soubesse, mas sei lá, me ajudou a me sentir segura a respeito de muitas coisas. E também teve um processo que eu acho que já comentei mais de uma vez, da questão de,

O TEATRO E NA DANÇA TEVE MUITO UMA COISA DE SE FAMILIARIZAR COM O MEU CORPO [...]. ”

(L., 22 anos)

DA N ÇA



Meu principal objetivo com o laboratório de dança foi possibilitar aos participantes o contato com a dança contemporânea. Nesse sentido, também objetivei que eles desmistificassem a dança e os sujeitos da dança (quem dança? quais os corpos apropriados para a dança? o que é dança? e onde se dança?). Além disso, procurei despertar nos jovens participantes uma nova percepção de si mesmos, de seus corpos, de seus movimentos, da dança que havia latente em cada um.

A dança é, sem dúvida, uma das maiores catalisadoras da manifestação e da expressão do movimento humano. Ela pode – e deve – ser usada como meio de crítica social, para o questionamento de valores preestabelecidos, bem como para auxiliar na conscientização do cuidado com o próprio corpo - fundamental para a prevenção do HIV e de outras doenças. Nesse aspecto ela também estimula a reflexão de conceitos formais e tradicionais de dança, e que auxiliam na promoção do cuidado com o corpo e com a saúde.

Os laboratórios promoveram um ambiente de investigação corporal e coreográfica, para que cada jovem tivesse o “seu tempo” e o “seu espaço” e pudesse descobrir e conhecer “sua dança” - através da consciência corporal, alongamento, exercícios para estimular o ritmo, a musicalidade, velocidades diferentes de movimento. Com isso, a percepção corporal foi mudando. Cada encontro foi único, e de resultados concretos e perceptíveis/visíveis.

Ao final de cada encontro, os próprios jovens reconheciam as mudanças que estavam ocorrendo em seus movimentos, seus conceitos, na maneira como usualmente entendiam seus corpos, suas danças.

Como produto, montamos uma sequência coreográfica: os movimentos foram criados pelos próprios jovens participantes. Essa sequência de movimentos serviu como matriz coreográfica, e foi experimentada em diferentes ritmos e em diferentes músicas, sempre ganhando novo sentido, uma nova possibilidade de interpretação, de acordo com o estímulo sonoro.







↑ ESTE LADO PARA CIMA ↓

FRÁGIL

ES UN PRODUCTO DE ALTA CALIDAD Y SE DEBE
MANTENER EN BUEN ESTADO PARA SU USO.
NO DEBE SER EXPUESTO A LA HUMEDAD,
AL SOL O A OTRAS FUENTES DE CALOR.
NO DEBE SER MANEJADO CON FUERZA
EXCESIVA. SE DEBE MANTENER EN SU
EMPAQUE ORIGINAL Y EN SU LUGAR
DE ALMACENAMIENTO.



Acho que me ajudou a ficar mais liberal
COM RELAÇÃO AO MEU CORPO,
AJUDOU A ME SOLTAR MAIS,

principalmente a de dança.
Ficar mais sociável até no dia a dia.

Ajudou também porque eu era muito retraído,
perdi alguns preconceitos também,

O QUE FOI MUITO BOM!

(L., 21 anos)



“Eu vim com uma expectativa de que fosse
ser algo meio clichê,

sabe, que nem aqueles trabalhos de escolas, tipo “ah, tem que usar camisinha”,
aquele pacote bem normativo da saúde. Na verdade eu não estava esperando
uma palestra tão ampla assim. Me fez compreender melhor a questão da prevenção,

PRIMEIRO ENTENDER TODO O CAMINHO QUE O VÍRUS FAZ NO NOSSO CORPO,
todas as particularidades dele, as vulnerabilidades do vírus e do nosso corpo,
quais são as formas mais fáceis e mais difíceis de contrair o vírus
e também a prevenção mesmo após um possível contato com o vírus.

FOI MUITO ESCLARECEDOR E FASCINANTE.”

(O., 19 anos)

PREVENÇÃO



Quando recebi o convite para participar do projeto, fiquei com dúvidas por não saber exatamente do que tratava o **Transviados**, mas resolvi aceitar o desafio. Trabalhar prevenção ao HIV/aids com adolescentes é uma necessidade premente e importante, tendo em vista as elevadas taxas de incidência no nosso Estado.

Prevenção não se ensina! Essa é a grande dificuldade.

Realizar oficinas com dinâmicas foi a segunda dificuldade. Como adaptar o tema às dinâmicas?

Após um tempo de pesquisa e leituras sobre o assunto, montei uma aula-apresentação aberta com foco em prevenção, com possibilidade de perguntas e respostas conforme a demanda dos participantes. As oficinas foram tranquilas e muito produtivas, com a dinâmica de perguntas e respostas conforme a demanda

dos adolescentes e intercalando momentos de apresentação de temas pertinentes a esse momento. Durante o primeiro encontro, percebi que alguns assuntos demandados não estavam contemplados, o que incluí na agenda do segundo.

A única dificuldade foi o fato de que a grande maioria dos participantes do segundo encontro não tinham comparecido ao anterior; e as dúvidas e perguntas se repetiram e atrapalharam o desenrolar da oficina.

Ao final, foi-me gratificante ter podido participar desses encontros e ter trazido informações a um grupo de adolescentes. Saí com esperanças de que eles possam ter aprendido e que possam colocar em prática as medidas de prevenção, tanto para si como para seus pares.



“ Eu aduiri mais conhecimento princioalmente com
A COISA DE PROTEÇÃO DE PRÁTICAS SEXUAIS COM MENINAS
eu ainda não tive a oportunidade de colocar em prática,
mas eu imagino que quando chegar a hora, vai ter feito
DIFERENÇA SIM.”
(L., 22 anos)

ELEGIA DE UM ARCO-ÍRIS

Por Luiza Monteiro | Participante do Projeto

Era tarde da noite e jogaram uma pedra em nós. Do lado de fora, sempre presente, a suástica malfeita que me parece o símbolo maior de todo o ódio. Aos risos, me recostei contra a parede e alinhei uma perna à direita, a cabeça à esquerda e os dois braços com os cotovelos replicando os ângulos, ambos pra baixo. Rindo, me crucifiquei, e alguém que eu amava me pediu nervoso para que não fizesse aquilo. Mas eu sentia que espantava, com meu deboche, meus risos e meu amor, o fantasma das pedras da noite.

À noite, o arco-íris que separava interior e exterior sumia e eu via as pessoas que amava e as decorações da festa. As portas se abriam pra mim e eram tantas vozes que gritavam meu nome, que me puxavam pra uma ou outra cadeira, que comemoravam minha presença e minha chegada e me davam um lar quando eu mais precisava de um.

No SOMOS eu deixei algumas partes de mim que não ficavam com ninguém. Lá, segurando firme a mão de

um amigo querido, pude dizer diante de tanta gente que até ali havia vivido apenas metade de mim. Seus sorrisos calorosos me devolveram a metade que faltava. Foi lá que eu comparei cores de unha, troquei piadas, tomei picolé e falei de cinema e fui encaixando aos poucos tanta verdade.

Durante aquela noite à qual meus pensamentos voltam tantas vezes, eu vi um amigo e outro se encontrarem em beijos ardentes e se recusarem a sair, eu vi os olhos tímidos e brilhantes de uma menina de cabelos em caracol que foi, à sua maneira, um primeiro beijodeamor. Durante aquela noite eu tive a alegria incomparável de beijá-la no meio da rua, do lado de fora, a salvo no abraço estendido que a festa mantinha depois de o prédio fechar.


Tudo que eu dancei e chorei (mi corazón canta una triste, una triste canción). Todas as batidas de coração e fluxos de ar que eu compartilhei ali dentro (come get a little closer), tudo que eu pensei e amei, todas as vezes

que olhei com olhos cobiçosos para aqueles contos de Virginia Woolf que ainda não li (*Mrs. Dalloway said she would buy the flowers herself*), todas as saídas para xisburgueres e bilhar, os colares e cabelos, os sóis.

A culpa, também. Tudo que eu não disse, tudo que eu não fiz, e mesmo esse texto que me escapa dos dedos e vai me estrangulando devagar, tudo pequeno demais, tarde demais. Tive tão pouco tempo para apreciar algo que me mudou tanto, que me acolheu e abraçou tanto. Não pude dar nada em troca exceto lágrimas e agradecimentos sentidos, e estas palavras. E enquanto eu esperava o dia em que poderia retribuir, uma coisa que eu amava tanto se perdeu de perto de mim e me deixou um pouco sem saber o que dizer. Sem saber o que fazer.

O SOMOS fecha as portas de arco-íris da rua que me deram a segurança de rir das pedras, mas não sem antes deixar um pouco delas em mim. Não sem antes conseguir me encontrar por acaso no meio da rua e me

ajudar a me ver como uma cor, como todas as cores, não sem antes me mostrar que suas cores e padronagens existem também dentro do meu peito. Parabéns, queridos. Me desculpem. Obrigada. Adeus.



“Eu não vejo o sexo como uma coisa
“PÊNIS-VAGINA, PÊNIS-ÂNUS, PÊNIS-BOCA”,
não como uma parte do corpo,
mas, antes de mais nada,
COMO UMA INTERAÇÃO ENTRE AS PESSOAS,
mesmo que sem emoção.
Então acho que no sexo sempre tem que pensar
no prazer teu e do outro”
(B., 18 anos)

CINEMA



Ao desenvolver os planos de aula, não ficamos tão preocupados em ensinar a técnica cinematográfica aos alunos do *workshop*, mas sim, em ensiná-los a compreender a sua complexidade, suas ferramentas e como analisar uma obra. Nosso objetivo foi – e acreditamos que o alcançamos – buscar uma construção da capacidade de análise, crítica e contestação sobre obras cinematográficas e artísticas de um modo mais amplo. Através das aulas, fomos percebendo o amadurecimento dos alunos, que, nos primeiros encontros, tinham comentários superficiais sobre as obras e temas abordados, enquanto que, nas últimas aulas, já conseguiam dissertar sobre o tema, procurar referências, questionamentos políticos e artísticos. Entendemos que essa foi a maior recompensa pelo trabalho realizado.

Trabalhamos aula a aula temas como juventude, sexualidade, política, saúde e construção narrativa – todos temas relacionados ao audiovisual, culminando em uma breve história do cinema, recapitulando como cada um desses temas foi amadurecendo com o passar dos anos.

É sempre complicado, em um curto prazo, desenvolver uma capacidade crítica amadurecida, ainda mais em um grupo jovem. Nesse sentido é que buscamos uma abordagem que ia, gradualmente, de filmes mais acessíveis em

sua linguagem até obras mais complexas que, muitas vezes, transcendiam o cinema (videoclipes, comerciais) e o espaço da tela (videoinstalações). Percebemos que assuntos como sexualidade e juventude interessavam mais aos jovens do que política e construção narrativa – porém, somente com os dois últimos eles conseguiam compreender plenamente como um autor consegue se expressar. Portanto, essas aulas – que, à primeira vista, foram as mais difíceis – construíram um repertório que os jovens até então não tinham.

Buscamos, nesse trabalho, um conjunto de olhares plurais sobre um mesmo assunto. Sobre juventude estudamos diversos diretores cinematográficos que exploram essa temática e assim, conseguimos desenvolver com eles quão complexo é mexer com qualquer tema, relacionando com a responsabilidade do artista.

Sempre que possível, inseríamos a relação com a prevenção. A grande maioria das obras abordava a prevenção, ao lado de temas como drogas e sexualidades.

ONTEM

LINEAR E JUVENTUDE

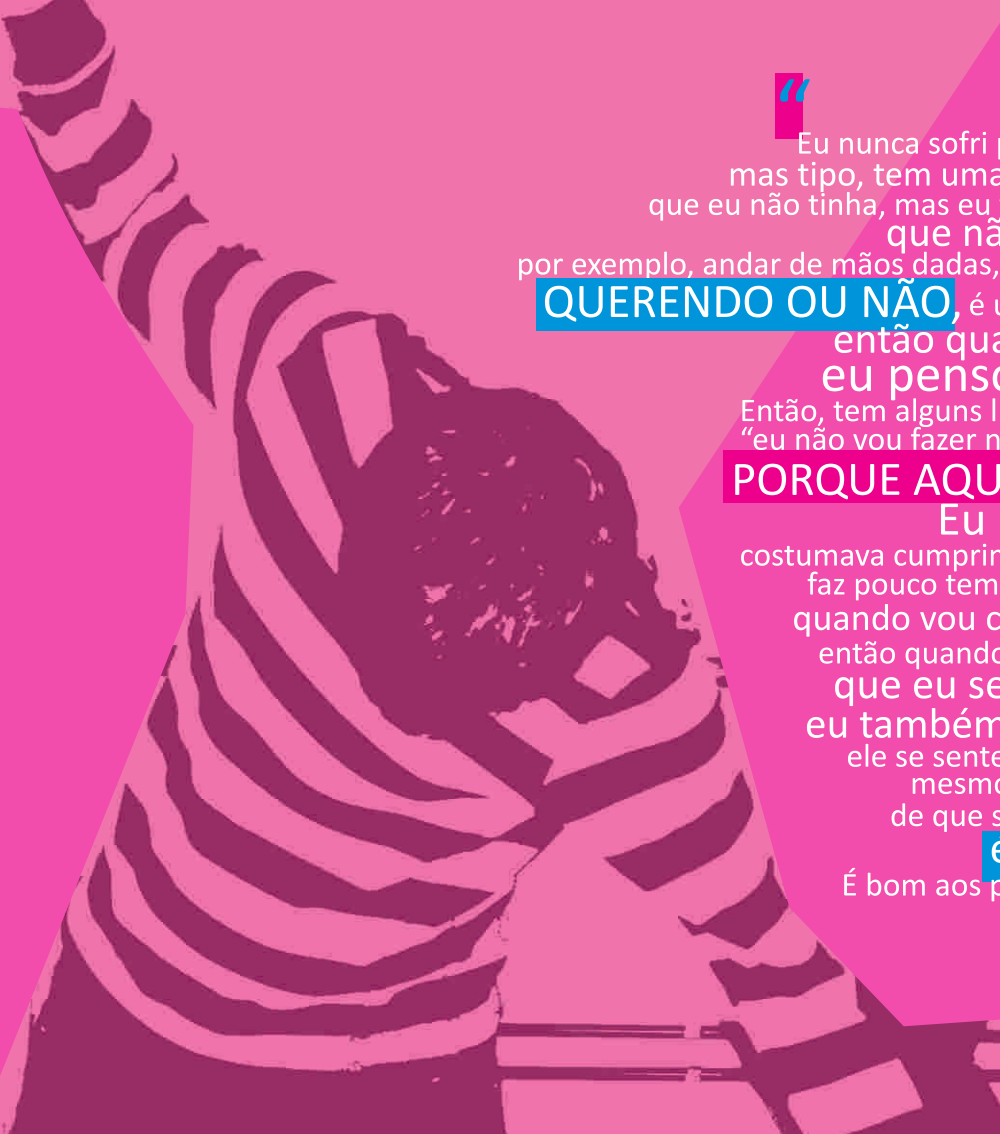
LUTA POR RECONHECIMENTO

LUTA CONTRA O SISTEMA

LUTA CONTRA OS PAIS







“

Eu nunca sofri preconceito na rua nem nada, mas tipo, tem uma coisa que eu achava que eu não tinha, mas eu tenho,

que não é medo, mas é um receio, por exemplo, andar de mãos dadas, dois caras ou duas gurias,

QUERENDO OU NÃO, é uma coisa estranha, uma coisa nova, então quando eu vejo, eu penso: “bah, que legal!”.

Então, tem alguns lugares que eu penso, “eu não vou fazer nada aqui, nem beijar um amigo,

PORQUE AQUI EU POSSO APANHAR”.

Eu mesmo, até pouco tempo costumava cumprimentar só com um aperto de mão, faz pouco tempo que comecei a beijar e abraçar quando vou cumprimentar alguém,

então quando vou fazer isso com um amigo, que eu sei que é gay,

eu também não sei até que ponto ele se sente a vontade,

mesmo porque esse negócio de que só guria se beija e se abraça

é uma coisa construída.”

É bom aos poucos a gente ir quebrando isso.

(B., 18 anos)

DIR EIT OS HUM AN OS



As discussões sobre a temática “direitos humanos”, além de promoverem conhecimentos históricos, filosóficos e sociológicos, buscam sensibilizar jovens sobre a necessidade de construções coletivas e individuais em prol de reconhecimento, cidadania e saúde - especialmente entre aqueles grupos sociais que tradicionalmente têm seus direitos não reconhecidos. Procurou-se estabelecer vínculos entre os conhecimentos e a realidade contemporânea, trabalhando conceitos como autoestima, saúde e coletividade.

Procurei, nesses encontros, trabalhar com a temática através da exposição de argumentos históricos, vinculando-a com questões da atualidade pertinentes à população LGBT, especialmente nos aspectos da violência, da saúde e da busca por direitos. Fizemos leituras de excertos dos textos: *Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil* (LIMA, 2001), *Homossexualidades e ditaduras militares: os casos de Brasil e Argentina* (PASSAMANI, 2010), *Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis* (GREEN, 2000), *Amor romântico x deleite dos sentidos: Cassandra Rios e a identidade homoerótica feminina na literatura (1948-1972)* (PIOVEZAN, 2005), além de leituras da Declaração Universal dos Direitos Humanos e seus comentadores.

Propus questionamentos sobre problemas contemporâneos vivenciados nas escolas e em outros espaços sociais e suas articulações com a juventude LGBT, através dos seguintes excertos e interrogações:

[...]a população afrodescendente, as mulheres, as crianças e demais grupos devem ser vistos nas especificidades e peculiaridades de sua condição social. Ao lado do direito à igualdade, surge também, como direito fundamental, o direito à diferença. Importa o respeito à diferença e à diversidade, o que lhes assegura um tratamento especial. Destacam-se, assim, três vertentes no que tange à concepção da igualdade: a. igualdade formal, reduzida à fórmula “todos são iguais perante a lei” (que no seu tempo foi crucial para a abolição de privilégios); b. igualdade material,

correspondente ao ideal de justiça social e distributiva (igualdade orientada pelo critério socioeconômico); e c. igualdade material, correspondente ao ideal de justiça como reconhecimento de identidades (igualdade orientada pelos critérios gênero, orientação sexual, idade, raça, etnia e demais critérios) (PIOVESAN, 2005, p. 17).

Vale dizer, a discriminação significa toda distinção, exclusão, restrição ou preferência que tenha por objeto ou resultado prejudicar ou anular o exercício, em igualdade de condições, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural e civil, ou em qualquer outro campo. Logo, a discriminação significa sempre desigualdade (PIOVESAN, 2005, p. 48).

A verdadeira obscenidade existe e está diante de nossos olhos. É o racismo, a discriminação sexual, o ódio, a ignorância, a miséria. Tem coisa mais obscena que a guerra? E ainda ficam dando importância ao sexo. Quem diz que acha sexo feio é nada mais que hipócrita (Entrevista de Madonna a Veja, 1993).

Questões sobre violência contemporânea:

- Quais são os efeitos das relações de desigualdade de sexualidade, no âmbito escolar, sobre as denominadas minorias sexuais? As desigualdades de sexualidade, ocorrentes no solo educacional, contribuem para a evasão escolar dos jovens LGBT?

- A violência difusa nas escolas teria como alvo preferencial os jovens LGBT ou eles seriam integrantes de um grupo maior, composto por outras pessoas vulneráveis às múltiplas formas da violência cotidiana atual?

- Quais são as diferenças entre violência escolar e *bullying*? O insucesso e o abandono escolar de jovens identificados como LGBT estão relacionados com o *bullying* e/ou com a violência sofrida por eles em suas experiências escolares?

Questões sobre projetos pessoais e autoestima (livre exercício de pensar):

1. Liberdade é...?
2. Meu signo é...? Dizem que isso me torna alguém...?
3. Um sonho.
4. Os amigos.
5. A violência.
6. Uma música inesquecível.
7. Quem eu levaria para uma ilha deserta.
8. Algumas pessoas abandonam a escola porque...?
9. Direitos humanos são...?
10. Aos trinta anos estarei...?

A experiência foi bastante produtiva. Os jovens participaram, fizeram leituras, discutiram em grupos e conjuntamente. Eles e elas demonstraram grande interesse nas atividades propostas. Pensamos em, futuramente, escrever e publicar um artigo sobre essa experiência.

_ontem





Exit

12:00 PM

SMS

Cara, o que foi ontem?

23 Jun. 2012 11:30AM
De : Cadu Open Bar

Resp.

Apagar

Mais





Ontem

Por Amanda Porterolla | Participante do Projeto
Originalmente publicado no blog da autora Asterisco Rock and Roll:
www.asteriscorocknroll.blogspot.com.br

Recebi um convite do SOMOS para integrar a equipe de produção de um curta-metragem sobre prevenção ao HIV, juntamente com outros participantes da Oficina Técnica de Cinema 2011, dentro do Projeto Transviados. Também tivemos a colaboração dos profes da oficina, os diretores Marcio Reolon e Filipe Matzembacher, do João Queiroz, que operou a câmera, e do Mano, responsável pela parte elétrica. E as participações ilustres da atriz Natalia Karan, do fotógrafo Walter Karwatzki e da publicitária Amarílis Barcelos, fazendo papel de pai e mãe do personagem principal.

Tivemos uns dois meses para pensar roteiro, decupagem, arte, luz e produção. Nos reunimos no Café da Oca, às 8h, para realizar as gravações, com a ajuda imprescindível da Ariane Laubin, integrante da diretoria do SOMOS e da equipe do Café da Oca. Galera se reuniu no horário combinado, com apenas duas faltas.

Montagem de luz da primeira cena, atores preparados e ação. Enquanto isso, Léo (assistente de direção) e Aline (núcleo de arte) usavam as tintas trazidas pelo Marcelo, na sua mala artística mágica com tudo dentro, para colorir o líquido dos copos a serem usados na próxima cena. Aberto o mercado, fui com o Marcelo comprar os lanches. Léo também ajudou com as compras e Filipe ajudou a carregar as sacolas cheias de



biscoito, pães, maionese, queijo, refri, água... E iogurte para a cena do café colorido.

Na falta de figurantes, nós mesmos garantimos uma interpretação digna de Oscar nas mesas do café. Lá estava eu com minha camisa xadrez, com cara de paisagem, esperando o “ação!” para mexer a colher dentro da xícara. Após gravar as cenas com a Natália, nossa atriz foi liberada e seguimos para a casa da turma da Avante, onde rodamos as cenas finais.

Enquanto montavam a luz e rodavam a cena das bolinhas de papel, eu, Léo e Aline fomos para a cozinha preparar o almoço, que saiu às 15h. O cardápio foi massa, molhos, azeitonas, ovos cozidos e salada. A massa ficou muito estranha, cozinhou demais, todo mundo ficou assustado quando abriu a panela. Mas estávamos com muita fome e encaramos. Nosso almoço foi underground. As azeitonas, no entanto, estavam ótimas.

Após gravar as cenas do quarto, acomodamos Walter Karwatzki e Amarílis Barcelos. Panos cobrindo o sofá, arrasta cenário pra cá, tira quadro da parede, monta luz e ação de novo. Com um papel celofane, Mano imitou direitinho as mudanças de luz incidindo sobre os personagens, para dar o efeito como se eles estivessem em frente à TV, entediados na sala de casa.

Eram 20h quando encerramos o trabalho, ajeitamos um pouco a bagunça e o fotógrafo Cássio Maffazzioli registrou toda a equipe reunida no sofá, apenas com a ausência do Tom (do núcleo de fotografia) que teve de sair antes. Peguei o bus na Assis Brasil, com dor na panturrilha, mas extremamente feliz com nosso trabalho. Já ansiosa para ver o filme montado, com som, narração, crédito, rodando nos *players* dos nossos amigos.





ONTEM (2'34" | 2012 | Brasil)

Sinopse:

Gabriel espera em um café. Ele gosta de festas open bar, independência e Batman.

O curta-metragem **Ontem** é resultado da série de atividades do **Projeto Transviados**. Foi pensado pelos próprios jovens, orientados por uma equipe de profissionais da área da produção audiovisual, como produto final das atividades do projeto.

FICHA TÉCNICA:

Realização

SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade

Direção Geral

Guilherme Ferreira

Assistência de Direção

Leonardo Rocha

Roteiro

Grupo Transviados

Produção

Amanda Porterolla

Direção de Fotografia

Cleiton Cardoso e Rodrigo Schames

Direção de Arte

Aline Texeira e Marcelo Chardosim

Direção de Som

Marcelo Chardosim

Montagem

Filipe Rossato

Elenco

Rodrigo Schames, Marcelo Chardosim, Aline Texeira, Natalia Karam, Amanda Porterolla, Amarílis Barcelos e Walter Karwatzki

Coordenadores

Filipe Matzembacher,
João Gabriel de Queiroz e Marcio Reolon

Ontem

Por

Amanda Alves, Aline Texeira, Bernardo Lima, Guilherme Ferreira,
Leonardo Rocha, Maicon Toledo, Marcelo Chardosim, Mônica Menguer,
Rodrigo Schames e Tom Cardo

Oficinas técnicas de Cinema
SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade
Projeto Transviados

8º Tratamento

1 INT/EXT. CAFÉ DA OCA - TARDE

Saindo do interior de um café até a sua parte externa, percorremos as mesas e os clientes sentados em grupo ou sozinhos conversando, bebendo, comendo e mexendo em seus celulares. Vemos alguns objetos, rostos e gestos, como líquidos cor-de-rosa em xícaras, mãos batendo em colheres, bocas sorvendo tintas coloridas em xícaras transparentes e ficando com o "bigode" em volta dos lábios, os cigarros sendo acessos, os óculos de Sol.

Na parte de fora do Café, está GABRIEL, 19 anos, que está sentado em uma das mesas com fones de ouvido e olhando para o seu aparelho de celular. Ele recebe um SMS cujo nome é "Cadu Open Bar", que diz "Cara, e o que foi ontem?".

NARRADOR

E este é o Gabriel, ele não gosta de quem mexe o café com a colher do açúcar, gosta de dormir com a televisão ligada e gosta de festas open bar.

2 INT. FILA DO BANHEIRO DE DANCETERIA - NOITE

Gabriel está parado em uma fila, em frente a um banheiro. Uma luz colorida incide sobre ele. Há poucas pessoas nessa fila. Ele se aproxima da porta e dela sai CADU, 20 anos.

Cadu e Gabriel se olham. Cadu puxa Gabriel para si, cochichando algo em seu ouvido. De cima, enxergamos uma mesa que começa aos poucos a ficar cheia de copos e garrafas (alguns ainda com um pouco de bebida, de diferentes níveis).

NARRADOR

Apesar de morar com os pais, Gabriel se acha um cara independente e tem liberdade pra fazer o que quer. Mas tem uma galera que aprendeu, desde que era piá, que nem tudo que o cara é ou nem tudo que o cara gosta pode ser expressado em público.

3 INT. QUARTO DE GABRIEL - NOITE

Em um quadro amplo e muito decorado, entram Gabriel e Cadu. Cadu vai em direção a uma prateleira e começa a ler os livros e tocar os objetos. Gabriel sai do quarto. Cadu retira uma história em quadrinhos da prateleira. Gabriel e Cadu sentam-se na cama. Eles começam a ler juntos o livro. Os dois jovens começam a se beijar e deitam-se.

NARRADOR

Pelo menos não na frente de todo mundo.

Montagem acelerada de detalhes de carícias, cinto sendo aberto, tirando a camisinha do bolso, tirando os tênis, etc. A sequência termina quando Gabriel apaga um abajur.

NARRADOR

Liberdade é... estado de pessoa livre. É, né?
Eu não me lembro onde li isso...

4 INT. PAREDE BRANCA - DIA

Gabriel está em pé ao fundo de estúdio branco, com uma roupa clara. Ele recebe várias bolinhas de papel de jornal no seu rosto, de vários lados das laterais e de cima.

NARRADOR

Tem também aquela liberdade que é, tipo, achar que pode dizer o que pensa, mesmo que isso desrespeite outras pessoas, sem se importar com o cara que tá ali, sendo o alvo, literalmente... Liberdade é diferente de desrespeito.

5 INT. SALA DE GABRIEL - NOITE

84
Em uma sala ampla e com poucos objetos, Gabriel está sentado no sofá com PAI, 40 anos e MÃE, 40 anos. Os três assistem televisão de forma apática, sem cruzar olhares. O pai lê jornal.

NARRADOR

E tem umas pinta que acham que liberdade é não precisar falar sobre o que está acontecendo. Ficar em silêncio não significa ser livre.

6 EXT. CAFÉ DA OCA - DIA

Percorremos algumas mesas até chegar a Gabriel que continua sentado, agora lendo o livro que anteriormente havia lido com Cadu. Ele recebe uma mensagem de celular com os dizeres: ":)". Em sua frente, surge REBECCA, 20 anos (que narra toda a história).

REBECCA

E aí, Gabi?

Rebecca põe sua bolsa na cadeira.

REBECCA

Tu tá com uma cara tão boa. Que foi? Me conta!

NARRADOR

Uma decisão nem sempre é só tua. A liberdade é entender quem tu é, e o que te faz ser assim.

FIM

ARTE, DOENÇA E PERSPEC- TIVISMO

Juliane Tagliari Farina

Psicóloga, Psicoterapeuta, Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

Como fenômeno estético, a existência ainda nos é suportável.
(NIETZCHE, 2003, p. 132)

Entre discussões a respeito da utilidade, da comercialização ou da banalização da arte - “afinal, para que serve a arte?”, “a arte não pode ser só um quadro pendurado na parede!”, “a arte tem que fazer revolução!” - e toda sorte de preocupação esteta, ainda defendemos a arte como lugar e função de resistência. Mas a que a arte pode resistir?

Respondemos apenas com uma palavra: à morte, somente à morte.

A arte resiste antes de tudo à morte do artista, cujo nome ela carrega e faz durar para além da banal memória de um indivíduo. Mas essa função pouco diz da força da arte, pois a aprisiona às formas canônicas da autoria e dos monumentos, produzindo objetos fetichizados por uma infinita capacidade de valorização financeira: fortunas erguidas sobre o túmulo miserável de Van Gogh...

Mas temos aqui, como a mais nobre função da arte, resistir à morte da própria vida, que minguia sob as gélidas possibilidades dos julgamentos e dos enquadramentos do senso comum. Pois *a arte é a única coisa no mundo que se conserva e conserva em si* a capacidade de deslocar perspectivas.

É assim que toda a doença pode se tornar um ponto de vista para a saúde, uma perspectiva que pode servir de lente pela qual se percebe um estado de miséria geral a que a vida está submetida, inclusive a vida daqueles que se julgam sãos para determinar de onde vem a doença e quem são aqueles a que se deve sanar. Pois o grande erro dos que se julgam sãos é proferir seus valores ao resto do mundo, como se a doença que enxergam nos outros fosse fruto de algum castigo pelo não seguimento de tais valores, condutas, juízos...

Mas é preciso ver a doença como uma questão de perspectiva, não de identidade, pois identificar os doentes é tarefa dos julgadores da vida e não de seus criadores. É a maldição da *estirpe* que se acha mais abençoada, mas não passa de um *olho ruim*. Ninguém que se julgue são pode ser um artista. A obra de arte deve conservar seu caráter trágico: a duração das potências que a produziram.

O mundo do artista não assume somente o belo como arte, nem tem como produção da arte apenas o belo. O mundo do artista joga com a embriaguez, o sonho, o absurdo, até que um “pode tudo” assuma uma potência e se afaste brutalmente de um desleixado “qualquer coisa”. Um estado de criação é um estado de seleção de forças afetivas e ativas, e selecionar é criar, não é conciliar, tornar homogêneo, igualitário, palatável, justo, são... O que a arte faz ver, ouvir, sentir é uma imensa multiplicidade, mas que é o contrário do caos e também o contrário da repugnância que nos causa a miséria da vida.

E engana-se quem pensa que a miséria do mundo se concentra na falta de recursos financeiros. A miséria está na estreiteza dos olhares sobre o mundo. Essa é a sua doença. Como é miserável a ideia de que se fôssemos todos ricos, seríamos todos felizes! Ficamos cegos e paramos de perguntar a que preço se produz a riqueza.

A arte é trágica na beleza do caráter coletivo de seus olhares múltiplos e incertos. Quanto mais tudo se despedaça em indivíduos isolados e detentores de seus próprios pontos de vista, mais fraco se torna o organismo ao qual eles servem, enrijecendo uma arte de estátua e monumento contra a arte do movimento e da

impermanência. É preciso banhar-se nas águas do sublime e do ridículo, sem distingui-las antes do mergulho.

A arte oferece lentes para assistir e ferramentas para agir na vida que a um olho nu se apresenta. Pois sob os olhos ruins da moral, o divino, o justo, o feliz, o belo, o saudável, encontram uma perversa e hipócrita sinonímia. Mas o artista é o que tem repugnância pela vida valorizada por olhos ruins. E é essa repugnância que é sentida como meio para a criação artística. O horrível e o absurdo se elevam, pois apenas na aparência de um *olho ruim* o horrível, o doente, o disforme é impotente e destinado à invisibilidade e à extinção.

O mundo é pobre para quem nunca foi enfermo o bastante para esta volúpia do inferno (NIETZCHE, 2008, p. 42).

Enquanto a moral falsifica as questões ofertando respostas apaziguadoras e promessas confortáveis que acabam por não ultrapassar um inócuo discurso de verdade, a arte faz das potências do falso o habitat das questões. Não procura o gênio da espécie, mas o gênio da existência que não reivindica direitos iguais e, sim, o direito de viver diferente.

Por isso, ao pensar em arte, é preciso estar além daquilo que caracteriza a profissão de artista e seus modos de trabalhar. Pensa-se mais num estado de arte diante da vida, em uma perspectiva de tê-la vida mesma como procedimento artístico. Uma vida como obra de arte atinge a verdade através dos caminhos tortuosos e questionadores da invenção e encontra nas *potências do falso* a suportabilidade de um suposto mundo real que, como realidade, é insuportável. Um estado de arte está sempre em contato com essas potências, afastando-as da ideia de mentira, da arte como objeto de decoração, como investimento especulativo, afastada da vida. Isso dá à arte um lugar especial, destinado a poucos produtores e compradores. A arte deve se reunir com a vida, sem atravessadores.

E quanto mais a arte nos é contemporânea tanto mais seu trabalho é nos colocar em relação com o extemporâneo, com aquilo que nos permite fugir, com aquilo que nos coloca fora do espaço-tempo vivido, em contato com matérias fluidas em busca de formas que, por sua vez, serão sempre fugazes, sempre dependentes do encontro com a diferença que virá desconstruí-las, miná-las...

Não há forma fixa, por isso a fragilidade da arte está justamente na tentativa de fixá-la a formas reconhecíveis. Não há categorias capazes de fixar a arte a partir de juízos de valor estabelecidos do que é boa ou má arte, bom ou mau artista. Se a questão contemporânea é capital, entendendo-se capital tanto em seu sentido capitalístico quanto de emergência do contemporâneo como questão, pra que fazemos arte hoje? Vejamos bem: arte não é cultura! Arte é o que coloca a cultura em cheque, abala as estruturas, produz curtos-circuitos, explosões! Isto é o que é capital na arte!

Arte capital
capital arte:
descapitalizada arte,
decapitado artista.
Capitalizado artista,
decapitada arte.
De cada pitada de arte,
picadas de artista:
escape capital,
capital arte!

Referências:

DELEUZE, Gilles. Cinema II. *A imagem-tempo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

FARINA, Juli. Prova poética. *Seminário Avançado Frágil*. FACED-DIF, 2009. Disponível em: <<http://seminariofragil.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras. 2003.

PRAZER TEM QUE SER ANTES E DEPOIS.

Não adianta eu ter o maior orgasmo da minha vida e depois ficar com medo de pegar uma doença que vai me matar.

Ou, não sendo tão trágico, pegar algo que vai me trazer prejuízos.

Querendo ou não, o sexo é uma coisa que faz parte da nossa vida, não é uma coisa separada onde eu vivo, eu como e num espaço lá reservado eu faço sexo.

Não, a gente veio do sexo, nós somos sexuais. Então o sexo tem que ser visto como parte da nossa vida, não dá pra fazer sexo e pensar: "foda-se o resto".

TEM QUE PENSAR O SEXO COM A CAMISINHA

PORQUE, AI, EU VOU ESTAR PROTEGIDO E VOU

proteger a outra pessoa, eu sei o que é melhor pra mim, eu vou me cuidar, porque

me quero bem e quero bem o outro.

(B., 18 anos)



O SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade é uma organização da sociedade civil criada em 10 de dezembro de 2001, formada por uma equipe multidisciplinar de profissionais das áreas da Educação, Saúde, Direito, Comunicação e Cultura.

Nossa missão é trabalhar por uma cultura de respeito às sexualidades através da educação da sociedade e da afirmação de direitos. Acreditamos que aprender, fazer e compartilhar; transparência; inquietude; criatividade; inovação; e a ética do cuidado de si são valores fundamentais.

Desenvolvemos projetos nas áreas de Educação através da realização de oficinas de sexualidade, gênero, poder e orientação sexual, trabalhando temas como Homofobia, Saúde e Direitos Humanos.

Também oferecemos em nossa sede assessoria jurídica para pessoas vítimas de discriminação em razão de sua sorologia positiva para o HIV/aids ou de sua orientação sexual.

No âmbito da Cultura, atuamos na criação, reflexão e difusão de produções artísticas que discutam em suas temáticas questões representativas à diversidade de expressões da sexualidade humana.

Com foco na produção de conhecimento, investimos na organização de publicações, como livros e catálogos, abordando o tema da sexualidade em seus mais diversos desdobramentos e linguagens. Também disponibilizamos ao público um acervo de livros e filmes, especializado nas áreas de Saúde, Sexualidade e Direitos Humanos, em nosso Centro de Documentação Adelmano Turra.

Desenvolvemos ações de advocacy em Direitos Humanos e Direitos Sexuais e Reprodutivos, atuando em redes nacionais e internacionais.

Atuamos em fóruns de decisões políticas como o Conselho Municipal de Assistência Social; Comissão de DST/Aids do Conselho Estadual de Saúde do RS e do Conselho Municipal de Saúde de Porto Alegre; Fórum de Ong/Aids do RS; Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT); Comissão Nacional dos Pontos de Cultura/Ministério da Cultura; Associação Internacional de Lésbicas, Gays e Transgêneros (ILGA); e Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos do RS.

TRANS VIADOS

O **Projeto Transviados**, realizado pelo SOMOS através do apoio da Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, surgiu a partir do trabalho da ONG com o público jovem LGBT e de suas experiências com a prevenção do HIV/aids por meio da arte e da cultura.

Visando a apreensão teórico-prática de temas como sexualidade, prevenção do HIV/aids e direitos humanos, suas atividades proporcionaram a reflexão, o diálogo e a produção de conhecimento articulados para pensar o cuidado com a saúde de modo emancipador e democrático.

realização:



projeto:



apoio:



Secretaria da Saúde

